

## O INVARIANTE DA ÉTICA DA PSICANÁLISE <sup>1</sup>

### Seminário Freudiano Bahía Blanca – Escuela de Psicoanálisis<sup>2</sup>

(Bahía Blanca, Provincia de Buenos Aires – Argentina)

#### O que podemos dizer sobre a ética em relação à prática psicanalítica hoje?

Barcelona 2023. Nesta ocasião, os analistas nos encontramos em torno de uma pergunta: Que ética para a prática psicanalítica atual? É uma questão que nos surpreendeu e nos levou, mais uma vez, a refletir sobre seus fundamentos. Entre as ideias que surgiram, um critério se destacou: a ética da psicanálise é da ordem do invariante.

Os tempos culturais mudam, modificam-se, geram a novidade ou resgatam o passado. Nesse devenir, em um momento específico e determinado, a psicanálise – fundada por Sigmund Freud – surgiu como sintoma e sua proposta é a mesma, AINDA. A partir de seu discurso inédito, o desejo do analista espera e promove a produção do Sujeito, que –definido por Jacques Lacan como “o que um Significante representa para outro Significante”– rompeu com a concepção ontológica vigente.

Preservar a ética da psicanálise exige que o analista não fique preso a um discurso uniforme e consiga se posicionar diante do desafio que representa a **emergência** do sujeito. Ao fazer isso, aposta-se no porvir.

O analisando aparece, em geral, com uma certa “**emergência**”, e esse sofrimento assume a forma das variantes e particularidades da época. Diante dessa premência, também são variadas as ofertas propostas pelo mercado para sufocar o mal-estar.

---

<sup>1</sup> VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGENCIA, MOVIMENTO LACANIANO PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA. Barcelona, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023

<sup>2</sup> Versão em português: @Letraducciones

O sentido do sintoma é o real que se atravessa e mostra que as coisas “não funcionam” para o parlêtre em sua estrutura RSI, seu estigma é não se apegar a nada apesar da lista infinita de objetos de consumo. Um real que não se deixa enganar pelas promessas de que tudo é possível.

Esse furo que localizamos na interseção dos três anéis e que Lacan chama de **a**, é o que orienta a ética da análise para localizar o lugar da verdade incurável e garantir a impossibilidade do encontro com o objeto.

Ele discutiu em seu tempo com as teorias evolucionistas que postulavam a possibilidade de um homem maduro e sexualmente organizado. Teve um olhar aguçado e crítico sobre alguns psicanalistas que, respaldados por uma suposta força do eu, praticavam doutrinação emocional em pacientes. Ele também alertou que outros discursos em nome de Deus, da ciência ou da religião, eram pronunciados a partir de um saber sobre a verdade da verdade. Citamos:

“(...) esse discurso engendrou todo tipo de instrumentos que precisamos, do ponto de vista que aqui se trata, qualificar de ‘gadgets’. Desde então, vocês são, infinitamente muito mais do que pensam, os sujeitos dos instrumentos que, do microscópio ao rádio-televisã, se tornam elementos da existência de vocês. Vocês nem podem atualmente medir o vulto disso (...)”<sup>3</sup>

Hoje, os pacientes chegam à consulta atravessados pela ilusão de cura oferecida pelas constelações familiares e pela bioneurodecodificação.

Qual é então a nossa tarefa como analistas? Sustentamos, como Lacan nos transmitiu, que o aspecto subversivo de nossa prática é apostar que ali surja um sujeito, o sujeito do inconsciente.

---

<sup>3</sup> Jacques Lacan. *O Seminário, livro XX: Ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982. Aula 7 (13 de março de 1973) pág. 110.

Temos uma responsabilidade nesse sentido: participar daqueles lugares onde o discurso analítico ainda não entrou ou apresenta predominância de outros discursos, mesmo dentro das mesmas instituições psicanalíticas.

Neste momento, reunidos em Barcelona, no marco da Convergência, nos é oferecida a oportunidade de discutir entre os analistas: "O futuro da psicanálise".

A nós cabe dar conta dos efeitos de nossa clínica e ratificar, por experiência, que a psicanálise é o dispositivo mais propício, até o momento, para passar no insuportável da condição humana.

Freud propôs os fundamentos da psicanálise numa certa época, e estabeleceu, após um longo percurso, que a direção da cura consiste em ouvir o paciente. Uma das páginas memoráveis encontra-se na leitura sobre o Homem dos Lobos, onde de "WESPE - ESPE"<sup>4</sup> permitiu surgir Sergei Pankejeff. No entanto, Lacan forneceu um corpo conceitual baseado na lógica e a partir daí ouvimos o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo, o sujeito do gozo, o sujeito da fantasia.

O ato analítico não foca sobre as variáveis epocais ou sobre os objetos que o sujeito recorta em seus emaranhados, mas, ao interpretá-los, o analista intervém no posicionamento e no modo particular de gozo com que cada analisando apresenta si mesmo, em sua dificuldade de se reconhecer como falta-em-ser.

A pulsã de autodestruição coloca a humanidade em xeque, sempre, mais uma vez.

A pergunta freudiana em *O mal-estar na civilização* é hoje plenamente válida: conseguirá o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico dominar a pulsão de agressão e auto-aniquilação? Ou o destino da espécie humana é exterminar uns aos outros, até o último homem?

---

<sup>4</sup> cf. Sigmund Freud. *De la historia de una neurosis infantil (el Hombre de los Lobos)*. En: *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. Tomo XVII. págs. 86-87.

Citamos: “Cabe agora esperar que a outra das duas “potências celestiais”, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o sucesso e desenlace?”<sup>5</sup>

O discurso psicanalítico –diferente de outros discursos– se coloca no lugar da falta da relação sexual e opera com o real, o simbólico e o imaginário. Esta falta radical, ao apresentar-se como inibição, sintoma ou angústia, interpela-nos e preocupa-nos. A missão do analista é enfrentar o real, mesmo que o real levante.<sup>6</sup>

O Real do gozo espreita e seu estigma é não se apegar a nada apesar da lista infinita de objetos de consumo.

Por fim, acreditamos que a ética da psicanálise permanecerá invariante quanto ao lugar ocupado pelo psicanalista, ao mesmo tempo em que aposta na possibilidade de um sujeito advir a cada vez – um advento pulsante, fugaz e evanescente – que desafia a cultura e as ideologias.

Sustentar a ética da psicanálise implica um analista situado na aposta com o surgimento do sujeito, para não ser assediado pelo discurso homogeneizador.

### **Bibliografía:**

Jacques Lacan. *La ética del psicoanálisis: Seminario VII (1959-1960)* Buenos Aires: Paidós, 1988. Clase Nro. 24 (6 julio 1960) págs. 370-3

---

<sup>5</sup> Sigmund Freud. *O mal-estar na civilização*. Em: *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução: Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol XVIII. pág. 79.

<sup>6</sup> cf. Jacques Lacan. *La Tercera*. En: *Actas del VII Congreso de la École Freudienne de Paris*, Roma, 1974. Madrid: Petrel, 1980.